

O INCÊNDIO

Yuri Pires

Uma velha estória ibérica, da época em que os portugueses chamavam-se lusitões e os espanhóis, castellanos, narra as aventuras de Afonso, um lavrador muito pobre cujos dias estavam mais em debruçar-se sobre o manso senhorial que sobre o manso a si emprestado, sem família a quem devesse satisfações e sem nenhum sossego. Seu único alívio de vida era a vaca Edeia, que lhe dava leite às escondidas do senhor, crente de ser seu único bezerro. Para além do leite, a vaca era ótima ouvinte e Afonso jurava para quem quisesse ouvir que ela só mugia quando o assunto a desagradava ou quando achava que ele tinha agido mal, sem pensar nas consequências. Na verdade, outro alívio havia em sua vida, pois Afonso, que não era um monge celibatário, frequentava os longes ao redor de Contrasta, à procura de Gardênia, moça prejudicada por uma febre terçã quando criança, que lhe deixou meio azoretada, mas ainda boa para os mastigados do pequeno amor.

Muitos dias, sem o conhecimento do senhor, Afonso dormia no estábulo, onde conversava com Edeia até as frias horas da primeira madrugada. Nessas noites, gostava de imaginar que a vaca lhe respondia por gestos: se abanasse o rabo para a esquerda, ele estava certo, se abanasse para a direita, estava errado, se chacoalhasse o sino, é que deveria mudar de assunto, se mugisse, é que estava na hora de dormir. Não que os assuntos não variassem, variavam e muito. Certa vez, Afonso teve uma firme impressão de que Edeia sugeria que ele deveria casar-se com Gardênia, visto sua idade já não ser de mocidades – passava dos vinte e cinco anos –, e ninguém tirante ela o queria ou quereria. Afonso chorou ao se justificar. Outra vez, Edeia teria

sugerido que ele deveria juntar-se a algum grupo itinerante de jograis por ali passante. Foi da feita que Afonso passou quase um mês sem falar com a vaca, tamanha a raiva que tinha ficado por percebê-la mandando-o embora.

Tudo isto é o de se contar no antes da estória propriamente dita, acontecida tempos depois numa tarde de sol a pino, quando Afonso trabalhava uma coivara enquanto Edeia pastava o arredor. Talvez por muito ter se abaixado ou por vingança do mês que passara sem conversas de, a vaca, vendo a bunda do homem empinada para cima, os braços procurando as ramagens pelo chão, dera-lhe uma marrada que o desquartejara. Os outros trabalhadores não entenderam nada. Edeia nunca tinha sido de violências, ainda mais em se tratando de alguém que lhe fazia todos os mimos e que, dizia-se à boca miúda, cobria-lhe em amores de noites. Seriam ciúmes, afirmavam uns, seria ruindade, afirmavam outros.

Fato é que Afonso, completamente descadeirado pela brutalidade bovina, já não podia andar. Gemia tamanhamente, assustando todas as crianças do vilarejo. Chamaram o médico, que era dado a demoras, vindo a galope da capital. Dias depois, de Afonso em penitências válidas para pecados dos muitos parentes que não tinha, berrando em urros por qualquer vento mais forte que lhe viesse balançar, o médico dissera, Sofrerá ainda muito, nunca mais andará como antes, talvez nem possa correr, mas certamente viverá e, em algum tempo, será são para trabalho novamente; basta que o levem para tomar sol e, quando em quando, lhe deem um banho para lavar as partes.

Os prestimosos camponeses não se fizeram de cotos, punham o coxo para tomar sol à beira do rio, sentado de cara para o manso do senhor, donde era possível ver os outros suando em bicas, com as vacas pastando em lugar

próximo, que assim se aproveitava melhor o tempo dos campônios. A juntada que levava Afonso tinha sido tomada por acidente, coisa que não justificava uma mudança de procedimentos, pois não era dos bovinos, menos ainda das bovinas, dar marradas em camponeses, que eram gentes de quase ser vaca. Em outra situação, o rapaz descadeirado certamente gostaria de comer e bebendo os outros trabalharem, saberia, enfim, como se sentia o senhor nos dias em que supervisionava a colheita, mas daquele jeito, sem poder andar que não fosse amparado por outro homem, preferia mil vezes um campo inteiro para encoivarar.

À medida que o passar dos meses trazia dores e desconfortos, e um amolecer de carnes várias, endurecia dentro em Afonso uma cólera intangível, um subterrâneo ressentimento que lhe cerrava os dentes e as amenidades.

Certo dia, viu Edeia, com olhos de remanso, pastando a uns muitos metros de si, como se não tivesse feito nunca nada. Afonso viu também, muito próximo de si, um monte de pedras escorado na mesma árvore em que ele também estava escorado. Esticou-se e começou a atirar as pedras nela. Errou quase todas, mas acertou uma, particularmente grande, nos cornos do animal, justamente quando passava por ali seu senhor, vindo do castelo para vistoriar o trabalho e visitar Afonso, trabalhador seu, nascido em suas terras, cujo pai o pai do senhor tinha em alta conta. A vaca correu, urrando de dor.

Mas, seu Afonso, isso não é coisa que se faça a animal que nos alimenta de tão bom grado, severou o senhor, Mil perdões, meu lorde, jamais que eu queria fazer coisa dessa com Edeia, foi instinto de ódio que o diabo colocou em meu peito para me encolerizar, Pois deu certo, não foi, perguntou o senhor de tudo ali, Pois que o vigário diga aqui mesmo, já que você não está de muitos movimentos, a sua penitência. O vigário, que acompanhava sempre

o senhor nas vigiâncias de suas terras, quase não esperou o senhor terminar a frase e emendou, Que passe a noite inteira trancado e amarrado no estábulo onde dorme a vaca, para que a cada padre nosso rezado, e serão cinquenta, possa pedir perdão ao animal, Pois que assim seja a feita, que palavra de vigário não se deve tangenciar, decretou o senhor.

Mesmo naquela situação de não poder andar, o homem não achou tão ruim o castigo que se lhe impunha. Em sortes, até fazia as pazes com Edeia, adivinhando-lhe o pedido de perdão e ganhando o bom leite morno dos perdoados. A única ruindade que via na penitência era sua nenhuma mobilidade: um alguém em sua condição, não deveria estar dormindo em estábulos, que são lugares de confortos e maciezas nenhuma.

Deixa que o vigário estava mancomunado mais Adalberto – que não tinha dado as caras até agora na estória por falta de precisão – para matar Afonso e Edeia. O vigário queria uma reforma na capela, e sabia que em terra de desgraça nenhuma Deus não precisa de regalias nem reformas, e Adalberto, camponês visionário, queria a casa de Afonso que ficava de costas para a estrada cortadora dos mansos todos, por onde passavam carros e mais carros carregados de gentes e mercadorias. Sabia: um buraco bem cerzido no lugar de passar rodas de carroças e, mais um pouco de sorte, acharia ali um bocado de um tudo que por ali passasse. Assim como Afonso não era alguém de não dormir em estábulos, também não era alguém de não ser morto por causa de uma casa herdada e bem localizada sem reclamantes de sua posse em ausências de.

Não sabendo dessas maquinações, o homem principiou sua tentativa pacificadora logo em inícios da noite. Esperava apenas uma abanada, de rabo ou orelha, que pudesse ser interpretada positivamente, mas a vaca nem por

isso dava patas a torcidas. Aquela soberba feriu Afonso. Coisa de não poder se controlar, que o ódio envenena tudo.

Foi nesse momento que sentiu o cheiro de palha queimando, gostoso para quem não está acercado dessa mesma palha. Sabedor de que palha não pega fogo sem quem lhe incendeie, e de que o estábulo ficava a uma légua da casa mais próxima, podia se esbaforir de berrar que não comoveria viv'alma. Descadeirado como estava, não conseguiria atravessar o estábulo antes do fogo, já pondo o barracão todo iluminado, se alastrar. Enquanto se escorava na viga em que estivera encostado até então, em intentos de se levantar, rezava uma salve rainha. Olhava fixamente para Edeia, que já começava a mugir, apavorada. Salve rainha, mãe de misericórdia, vida e doçura e esperança nossa, salve, a vós bradamos os degredados filhos de Eva, só eu não vou, a vós suspiramos gemendo e chorando, tudo culpa dessa miserável, neste vale de lágrimas, se foder.

Os únicos sons que se ouviam, naquela noite, acima dos estalos da madeira queimando, eram os gritos e gargalhadas do desterrado, Vais morrer, pérfida, vais morrer para deixares de ser estúpida!

Yuri Pires nasceu em 1986, na cidade do Recife (PE), onde cursou História, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e viveu até 2011, mudando-se para São Paulo (SP), onde publicou seu primeiro romance, *O Homem e o Seu Tempo* (Chiado Editora, 2014), seu primeiro livro de contos, *Fábrica de heróis* (apenas em e-book, 2015), e seu primeiro livro de poemas, *Artifício* (Editora Intermeios, 2015).
psilonepires@gmail.com